

XVII Congresso Brasileiro de Sociologia
20 a 23 de julho de 2015, Porto Alegre (RS)

GT 32 – Sociologia e Juventude

***Coletivos Juvenis e Produção Cultural em Rede: a inserção do Circuito
Fora do Eixo no rock independente de Fortaleza-CE***

Márcio Fonseca Benevides
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Coletivos Juvenis e Produção Cultural em Rede: a inserção do Circuito Fora do Eixo no rock independente de Fortaleza-CE

Márcio Fonseca Benevides¹

Resumo:

Esta comunicação é fruto das considerações iniciais de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida sob a égide da sociologia da juventude, orientada pela Profa. Dra. Glória Diógenes; possui como objetivo geral a análise etnográfica das dinâmicas de organização e atuação, das lutas e alianças que engendram o movimento social brasileiro de juventude denominado Circuito Fora do Eixo (FdE) e sua inserção no campo do *rock* “independente” de Fortaleza, capital do Ceará e território estratégico desta organização, que propõe novas formas de produção cultural a partir de práticas sociais diferenciadas. Como objetivo específico, busca-se cartografar como estas instâncias repercutem (cotidianamente e em eventos sazonais) entre determinados atores sociais: jovens músicos, bandas, entusiastas, produtores, políticos e, sobretudo, os vários coletivos - o FdE é, em suma, um coletivo transnacional (presente na América Latina e na África) de coletivos locais (presentes nos 25 estados brasileiros e de outros países) - que se agenciam numa cadeia produtiva de cultura específica, visando à democratização de seu acesso e a circulação de seus artistas e obras. Tenciono investigar a complexidade deste cenário a partir de suas redes sociais interdependentes (atuais e virtuais), rituais de interação, análise de discursos e suas respectivas relações de poder na ambiência fugaz da Era da Informação, caracterizada por emergentes formas de sociabilidade e tecnologias de ponta que se integram ao cotidiano globalizado.

Palavras-chave: juventude; *rock* independente; Circuito Fora do Eixo; produção cultural; Fortaleza.

¹Doutorando e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista CAPES, membro do LAJUS (Laboratório das Juventudes-UFC) e do GEPECJU (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Juventude-Universidade Vale do Acaraú-UEVA). Desenvolve pesquisas sobre juventudes urbanas, artes (sobretudo música), cibercultura e movimentos sociais. É também músico e capitaneia o projeto de *rock* eletrônico *Black Knight Frequency*. E-mail: marciobenevides@gmail.com

Introdução: a juventude fora do eixo ou em novo eixo?

O Circuito Fora do Eixo, ou FdE², é um movimento social³ contemporâneo de juventude que se configura em rede e atua na circulação de saberes e na conexão de indivíduos em prol da produção “independente” e do compartilhamento de cultura. O FdE agrega centenas de coletivos locais integrados por jovens informatizados⁴ voltados às artes (em especial à música), produção e gestão cultural e que, desde 2011, situa o seu principal núcleo nordestino em Fortaleza-CE, o campo delimitado para investigação, que se volta a analisá-lo a partir de suas redes sociais interdependentes, rituais de interação, discursos e microrrelações de força na ambiência fugaz da “Era da Informação” (CASTELLS, 2013), caracterizada por emergentes formas de sociabilidade e tecnologias de ponta que se integram ao cotidiano globalizado.

As plataformas elementares de agência do Fora do Eixo são os eventos (festivais, *shows*, oficinas, debates etc.) dedicados à música *rock*, a internet, a formação de coletivos “engajados” (em causas locais e nacionais) e várias propostas presentes em seu repertório discursivo, que propõe a adoção de certas práticas e políticas culturais de forma apartidária, tais como: modelos descentralizados de gestão, economia criativa, vida coletiva (na qual até roupas são partilhadas), remuneração em moedas complementares (o polêmico *Cubo Card*, a ser abordado *posteriori*), democratização do acesso aos bens culturais e ampliação do trânsito de artistas entre os coletivos e eventos do

²O FdE nasceu em Cuiabá-MT no início de 2006 como alternativa à produção cultural majoritária do “eixo” Rio-SP. O Perfil de seus membros baseia-se em jovens de classe média, na faixa etária entre 19 e 35 anos, com ensino superior completo ou em decurso (SAVAZONI, 2013). Paradoxalmente é sediado em São Paulo (capital) e se ramifica por diversas cidades dos 25 estados do Brasil e também possui conexões sul-americanas (Argentina, Bolívia, Chile, Peru) e africanas (África do Sul, Angola, Cabo Verde, Egito). “Em agosto de 2013, esse número passou para (...) 91 coletivos e cerca de 650 coletivos parceiros” (SAVAZONI, op. cit.: p. 27). Há um abundante material informativo, com números, gráficos e registros no *site* oficial da organização: <http://foradoeixo.org.br/>

³ Para Alberto Melucci (2001), o termo “movimento social” se refere a um encadeamento racional de práticas participativas e ações coletivas de um grupamento de sujeitos que surge em contextos de crise e visa a transformações sociais por via do embate político, conforme seus valores estatutários e ideológicos inseridos numa conjuntura sociocultural específica.

⁴Néstor Canclini (2005) propõe categorias analíticas para os usos da internet pelos jovens, que cá adoto: “informatizados” (ativos, que não só consomem, mas que também produzem conteúdos e fomentam discussões) e “entretidos” (reativos, voltados ao lazer de bate-papo, vídeos, músicas em formato mp3, *games* etc.).

Circuito, bem como a capacitação de seus agentes em projetos educativos, como a Universidade Livre Fora do Eixo (UniFdE) e os Pontos de Cultura.

Em suma, o Circuito Fora do Eixo não é somente a cristalização de uma tendência de movimentos culturais que têm irrompido nos últimos anos: é uma “tecnologia social”, um coletivo macro de coletivosmicro, uma rede heterogênea e capilar de várias redes singulares, um agenciamento - ou um vetor que cria e potencializa mútuas ações e sentidos -de atores políticos, um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que aglutina um grande contingente de jovens numa cadeia de produção cultural específica e em expansão, a despeito de controvérsias que vêm suscitando, conforme veremos a seguir.

A despeito das propostas repassadas como inovadoras e de resistência, após um acalorado debate com lideranças (Pablo Capilé e Bruno Torturra) do FdE, que se quer descentrado, no programa *Roda Viva* da TV Cultura do dia 05/08/2013⁵, a transparência dos seus meios e fins foi posta em xeque nacionalmente: surgiram na internet e em outras mídias inúmeras denúncias de artistas e ex-membros do FdE sobre calotes em cachês (isso quando há remuneração fora os *Cards*— às vezes à base de cerveja), cooptação, trabalho escravo, sexismo, desvio de verbas, favorecimentos em editais, apropriação indevida de direitos autorais e alianças com partidos políticos ditos de esquerda.

Havia uma aproximaçãootácitaque gradualmente foi explicitada com o Partido dos Trabalhadores –PT, conforme se observa em fotos na internet de Capilé com a cúpula do partido (Lula, Dilma Roussef, José Dirceu etc.), inclusive apoiando candidaturas, como a do atual governador do CE, Camilo Santana, que à época fez uma profusão de promessas relacionadas às políticas públicas relacionadas à juventude e à cultura. Coincidentemente, vários dos jovens que lideram o FdE foram convidados a ocupar secretarias locais e nacionais de cultura; alguns foram diretamente para Brasília, outros atuam em órgãos ligados a prefeituras, o que vem despertando uma

⁵Disponível integralmente no canal oficial do programa *Roda Viva* no *Youtube*: <http://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8Ql8M&hd=1>

desconfiança contínua entre membros e colaboradores da organização em todo o Brasil.

Pressionado por duras críticas, o movimento tem se voltado a refutá-las, afirmando estar quite com a prestação contas no *site* oficial e arrolando esclarecimentos enquanto mantém suas muitas atividades, inclusive anunciando reformulações em seu *modus operandi*. Tais fatos somaram questionamentos e instigaram a minha imaginação sociológica (MILLS,1982) no sentido de explorar em profundidade, criativamente, esta temática, que por ser ainda recente, enfrenta escassez de literatura⁶ na área sobre o Fora do Eixo e movimentos sociais similares – o que reforça ainda mais caráter empírico desta investigação, que se encontra no estágio inicial.

Com efeito, o interesse em abordar as ressonâncias sociais e sociológicas das práticas do Circuito Fora do Eixo no panorama cultural da juventude fortalezense, que interage e se identifica no *rock*, surgiu das conclusões - que sempre são provisórias e convidam a ser retomadas e revistas - que obtive em minha dissertação de mestrado (BENEVIDES, 2008); nela investiguei a busca por reconhecimento de bandas originais de *rock* alternativo⁷ formadas por jovens músicos (entre novatos e veteranos) da capital alencarina.

Observei e analisei uma amostragem de cinco delas (Montage, Joseph K, Red Run, Fóssil e Telerama) suas motivações, estratégias/táticas, interações, performances, alianças e lutas cotidianas. Para estes interlocutores, ser roqueiro (ou quem consome e/ou produz *rock*, aficionado e/ou músico) vai

⁶Há um esclarecedor artigo de etnomusicologia da Columbia University (GARLAND, 2012) de título irônico, que analisa o FdE no debate sobre infraestrutura (espaço e equipamento adequados para eventos), circulação (agendamento e viabilidade das turnês entre os coletivos locais), remuneração (dois 'latões' de cerveja?) e estética no mercado alternativo brasileiro. Em termos de trabalhos completos de pós-graduação, há a dissertação de Rodrigo Savazoni (2013), *Os novos bárbaros: a aventura política do Fora do Eixo*. O pioneirismo deste estudo é inegável, porém foi realizado por um membro destacado da organização - o que auxilia em muito a cartografia de todas as suas instâncias, mas que também denota uma proximidade – ética e discursiva - que também se problematiza; eu desenvolvo uma observação sistemática do FdE a partir de seu exterior.

⁷ Aquele que não é usualmente veiculado pela mídia massificada, que é impositiva; é identificado por vertentes como *punk*, *electro*, *grunge*, *indie*, *stoner* praticadas pelas cinco bandas observadas (das quais só Montage e Fóssil continuam ativas) e que se caracterizam como "originais" por comporem e executarem as suas próprias canções autorais. Importante salientar que a categoria "alternativo" é próxima da categoria "independente", porém não é sinônima, conforme veremos logo adiante.

bemalém das vestimentas e adornos diferenciados, dos *shows* barulhentos dos fins de semana ou de “baixar” música na internet: é um *estilo de vida*, socialmente incorporado e (re) produzido, codificado por *distingos* (signos de distinção) e estruturado por esquemas de disposições duráveis de conduta social - ou *habitus* (BOURDIEU, 2011).

As bandas musicais vislumbram na internet o canal mais acessível para divulgar suas obras e atingir uma visibilidade difícil de ser conquistada por outros meios (já não há mais tanto espaço - isso quando há algum - para o *rock* no rádio e na TV, por exemplo), assim expandindo a audiência e gerando lucros com a venda de *merchandise* (CDs, DVDs, camisetas, broches, adesivos etc.). A partir da mobilização de suas redes, as bandas embarcam em turnês pelo Ceará afora, em outros estados brasileiros e países, onde estreitam laços afetivos e profissionais com outras bandas, produtores de eventos e fãs (ou os aficionados mais exaltados) - até hoje eles mantêm contato por redes sociais virtuais como o *Facebook*⁸ e utilizam outros recursos informacionais como o *Youtube*⁹.

O antigo lema *punk* “faça você mesmo” (BENEVIDES, op. cit.) transmudou para “façamos todos juntos” e surgiram coletivos artísticos que deslocaram para si o meu foco empírico, que até então era voltado às bandas como entidades mais ou menos isoladas – e por vezes concorrentes – entre sino campo do *rock* independente¹⁰ de Fortaleza-CE. Após acompanhar as bandas, entre palcos e redes, observei também um bom número delas que, paulatinamente, uniram forças para atingir metas que têm em comum, para

⁸ www.facebook.com é a rede social da internet (ou RSI) mais acessada no mundo e possui alta adesão de fortalezenses. No *site*, os usuários criam perfis em que compartilham seus dados pessoais e publicam fotos, músicas, textos, vídeos e participam de comunidades temáticas nas quais discutem os mais variados assuntos (RECUERO, 2009). As bandas de *rock* e os coletivos culturais utilizam constantemente tais recursos para fins de promoção e contatos com fãs e promotores de eventos, conforme venho acompanhando. Saliento que a importância da internet neste trabalho é incisiva e utilizo o próprio *Facebook* como ferramenta de investigação sociológica.

⁹ www.youtube.com é um popular *site*, especializado no compartilhamento de vídeos de várias naturezas (sobretudo clipes musicais) que se tornou o maior do mundo, tanto em acessos quanto em propagação do conteúdo, que também pode ser “monetizado”, gerando lucro para quem insere e divulga vídeos.

¹⁰ É um “universo paralelo de produção, difusão e consumo de música que não encontra espaço nos *media*. [...] São independentes porque não precisariam de ‘pressão’ por vendas altas. O objetivo desse movimento é vender a preço quase de custo, de modo que garanta somente a sustentabilidade dos envolvidos e a produção de ‘ideias novas’ ou propostas ‘ousadas’ esteticamente” (LIMA FILHO, 2009: p. 87-88).

além de qualquer rivalidade: a busca por espaços adequados para apresentações, uma estrutura razoável de aparelhagem, o público lotando e “agitando”, reconhecimento dos trabalhos, a comercialização e a troca de material, a remuneração pelo trabalho (cachê) e inserções na mídia.

Visando a coleta de dados preambulares, venho desde janeiro de 2014 dialogando com membros dos coletivos tidos no meio como os mais representativos nas lutas do e pelo *rock* local: Associação Cultural Cearense do Rock (ACR), Empire Records e Panela Rock¹¹ - e também com integrantes do Fora do Eixo. Embora possuam orientações diferentes (com fins lucrativos ou não), tais coletivos realizam trabalhos (festivais, turnês, oficinas, debates etc.) em parceria ou sob os auspícios do FdE. Destarte, busco compreender como se dão os processos lógicos de configuração e a dinâmica destes grupamentos “independentes” vistos como redes de interdependência - ou de dependências recíprocas - que coligam indivíduos, geram e equilibram tensões, engendrando signos e condutas (ELIAS; SCOTSON, 2000).

É importante salientar que estes coletivos surgiram antes da atuação direta do FdE em Fortaleza com o advento da Casa Fora do Eixo Nordeste¹², mas acabaram por adotar práticas sugeridas pelo modelo desta organização - e também por entrar em discordâncias com aspectos e proponentes do mesmo, que não sairia do eixo, e, na verdade, criaria um outro, em que todos deveriam convergir. Assim sendo, auxiliam deveras as declarações preliminares que colhi de interlocutores-chave como Amaudson Ximenes¹³, da banda veterana *Obskure* e presidente da ACR (coletivo pioneiro desde agosto de 1998, na aglutinação de músicos, bandas e produtores de eventos em Fortaleza), dos convivas da Casa FdE NE, bem como da liderança local do

¹¹ Para maiores informações, eis os *sites* oficiais dos coletivos, respectivamente: www.accrock.org www.rockpanela.com www.empirerecords.com.br

¹² A sede do FdE no Ceará encontra-se na histórica Praça dos Leões, no Centro de Fortaleza, e promove eventos regulares como *shows* e oficinas em suas dependências. As Casas Fora do Eixo são, de acordo com os residentes abordados, “centros experimentais autossustentáveis de vivências socioculturais” que sediam física e oficialmente o FdE. No momento, intensifico meu contato com estes membros para a marcação de mais entrevistas. Página eletrônica da instituição para mais informações: www.facebook.com/casafdene

¹³ Assim como em minha dissertação de mestrado, opto por divulgar os nomes que meus interlocutores fornecem, sejam de registro civil, apelidos, nomes artísticos etc., mediante a assinatura de formulário de concessão. Será assegurada a preservação da identidade de todos os informantes que não quiserem divulgar seus nomes (reais ou não), bem como de suas categorias nativas, maneirismos e expressões coloquiais que vêm sendo repertoriadas.

Circuito, Ivan Ferraro (curador da Feira da Música, maior evento local de produção independente).

Oportuno lembrar de C. Wright Mills (op. cit., p. 231) quando este enuncia que vários pontos de vista devem ser considerados no artesanato da pesquisa para que o crivo do sociólogo se transforme em “um prisma móvel, colhendo luz de tantos ângulos quanto possível”. Para tanto, travo contato (presencial e pela internet) com os atores sociais em questão - membros, ex-membros, colaboradores, desafetos e simpatizantes - para coligir o máximo de depoimentos e visões, contrastantes e não, acerca do objeto e solidificar a sua construção e a sua elucidação no decorrer do curso de doutorado.

Mesmo que em fase exploratória, há aqui um horizonte de eventos que se delinea entre apresentações e representações (BECKER, 2009) divergentes acerca de um mesmo recorte empírico, inspirando uma pergunta de partida: como compreender a atuação do Circuito Fora do Eixo a partir dos vários processos socioculturais de interação e representação (GOFFMAN, 2011) inerentes aos atores do *rock* independente de Fortaleza? Tal pergunta sugere, numa problemática inicial, um objetivo geral (1) e dois objetivos específicos (2 e 3), a saber: 1- investigar as dinâmicas do FdE referentes à organização (valores institucionais, estrutura, funções dos membros, hierarquia) e à atuação local, que vêm influenciando práticas culturais (*shows*, festivais etc.) dos jovens roqueiros fortalezenses reunidos em coletivos; 2- observar, documentar (em palavras, imagens e sons) e analisar as performances e os discursos dos atores e dos coletivos locais (ACR, Empire, Panela) que interagem entre si e com o FdE; 3- acompanhar as articulações dessas redes sociais nos âmbitos atual e virtual, focando em como e por que se desenham processos cotidianos de socialização face a face e pelas múltiplas conexões e fluxos da internet.

No bojo de tais argumentações, investigo o Circuito Fora do Eixo como um singular movimento social contemporâneo de juventude que traz à rede de atores inseridos no campo roqueiro/urbano de Fortaleza-CE uma reconfiguração, um novo conjunto de regras para um mesmo jogo, consequências sociais, intercâmbios e dilemas com suas práticas culturais diferenciadas.

Referencial teórico: por um diálogo potencializador

Findo o recorte do campo empírico desta pesquisa acerca do trinômio juventude/música/produção cultural, ora proponho a tessitura de uma trama conceitual heterodoxa que busca fundamentar a reflexão teórica de suas principais categorias analíticas e nativas, bem como examinar as correspondências e distanciamentos entre elas e as interações dos atores em suas redes de sociabilidade.

Para tanto, proponho uma aproximação dialógica entre diferentes linhas de pensamento social que, conjuntamente, muito têm a contribuir para o desenvolvimento das singularidades de minhas problematizações - que também estarão abertas para a inclusão de novas referências, conceitos e categorias a partir de novas leituras e incursões no campo. Trata-se de uma construção.

Proponho um diálogo entre o interacionismo simbólico da Escola de Chicago, sobretudo na abordagem de Howard S. Becker (1997, 2008, 2009) e as “simetrias” da teoria ator-rede de Bruno Latour (2011, 2012). Estas são duas linhas sociológicas contemporâneas que convergem, apesar de suas várias especificidades, quando problematizam os níveis de reciprocidade das ações coletivas, interações, agenciamentos, incorporação de condutas sociais, bem como na compreensão da cultura a partir das artes e da tecnociência por um viés “microsociológico”, ou seja, voltado aos pequeninos dramas cotidianos que por vezes passam despercebidos nos “bastidores”, também caros a outro baluarte de Chicago, Erving Goffman (2011), o dramaturgo do *socius*.

Em adição, destaco, como elemento crucial para a fecundidade desta conversação teórica, o pensamento social advindo do pós-estruturalismo francês, nas vertentes de Gilles Deleuze & Félix Guattari (1995) e de Michel Foucault (2007), que influenciam diretamente o pensar latouriano e que oferecem ao sociólogo uma “lente criativa de aumento”, apta a enxergar o âmbito microfísico do objeto em questão, que já nasce fugaz.

Becker (2009, p. 30) também chega a travar uma conversação com Latour em *Falando da Sociedade*: “é este, diz Latour, o trabalho da ciência: transformar objetos de modo que possam ser usados para (...) ‘demonstrar’

aquilo que o cientista quer convencer os outros. (...) Precisamos de tudo que responda a possíveis questões”. E questões temos muitas...

A este respeito, Foucault (op. cit.) enuncia que a teoria deve ser tratada como uma “caixa de ferramentas”, na qual são selecionados pragmaticamente os dispositivos mais adequados para elucidar nossas próprias inquietações acerca das relações de força (saberes e poderes desigualmente distribuídos) que engendram os *socius*, ou o campo social. Sob a inspiração deste diálogo, sigo os rastros dos atores para reagregar seus meios de associação e traduzir seus “conectores” (LATOURE, 2012: p. 352), para assim detectar e explorar suas questões de fato e interesse. Busco, enfim, tecer uma trama complexa de apresentações e representações sociais, discursos, performances, artefatos e práticas culturais que carregam dimensões ético-estéticas e forte apelo político.

Faz-se necessário também esclarecer que a opção por inserir neste diálogo outros teóricos como Pierre Bourdieu (2011), Manuel Castells (2013) e Pierre Lévy (2011) se deu numa via de mão dupla: além de serem fundamentais para o raciocínio acerca do objeto de estudo e no debate contemporâneo sobre cultura e relações de poder nas esferas pública e privada, alguns de seus conceitos (como capital cultural, rede horizontal, inteligência coletiva etc.) também são desterritorializados do âmbito acadêmico e utilizados cotidianamente pelos membros do Circuito Fora do Eixo em seu ordenamento discursivo¹⁴ (FOUCAULT, 2007), no que afirmam aplicá-los na elaboração de suas práticas colaborativas internas (dentro da própria organização) e externas (intercâmbios com os coletivos locais e colaboradores).

Este quadro demanda análise dos discursos e também das performances e representações - e das fachadas (GOFFMAN, op. cit.) - dos interlocutores do FdE no tocante às formas como tais conceitos são apropriados, ressignificados e aplicados em seu cotidiano. Apontando para a necessidade progressiva de esclarecimento, utilizarei estes mesmos autores e conceitos para discernir as ambiguidades entre o que é dito e o que é feito nas tramas do “drama” por seus

¹⁴Há uma “tabelinha conceitual” distribuída e decorada entre os membros do Fora do Eixo que contém breves definições dos conceitos supramencionados (e muitos mais - a serem averiguados) e que me despertou a atenção quanto aos processos de apropriação - e uniformização - discursiva e aplicação de um vasto arquipélago conceitual que não é dialógico a contento sem uma acurada reflexão teórica.

atores. Para José Machado Pais (2004, p. 43), sociólogo lisboeta especializado em juventudes, “o acto performativizado é ele próprio parte da ordem performativa ou, por outras palavras, a maneira de dizer e de fazer é intrínseca ao que está a ser dito ou feito”.

Falando em juventude, a conceituação desta é inevitável num trabalho de sociologia da juventude, visto que é sua categoria elementar. A juventude, segundo Bourdieu (1983), é “apenas uma palavra”, entretanto também é uma das categorias sociológicas mais revisitadas e problematizadas, possuindo diferentes contornos que apontam para expressões plurais, móveis. Dentre várias conceituações possíveis, trabalho com a proposta pelo supracitado Machado Pais (2003): a juventude não pode ser tida por uma suposta unidade ou como arborescência por demais enraizada, mas ao contrário, deve ser compreendida pela sua diversidade e seu caráter deambulante.

O “ser jovem” é uma condição arbitrariamente moldada em sua construção simbólica compartilhada e inserida numa realidade objetiva, socialmente constituída; é “mito” paradoxal do cotidiano, devir produzido por encontros e desencontros de intensidades, percepções caleidoscópicas, circunstâncias cronológicas, econômicas, subjetivas, midiáticas e políticas particulares, estando afeito a modificar-se ao longo de tempos e espaços específicos, porém nunca sedentários.

Entre os territórios das urbes brasileiras e as infovias do ciberespaço planetário, a noção de coletividade do Fora do Eixo se embasa no conceito de “inteligência coletiva” cunhado por Lévy (op. cit.), ainda nos anos de 1990, para coligar suas sedes, atores e eventos. Para o autor, também influenciado por Deleuze & Guattari (op. cit.), ela é o lastro – outra cara noção ao FdE – cognitivo e performativo da cibercultura (ou a cultura impactada e potencializada pelas tecnologias de telecomunicação) como “interzona” antropológica e meio sociotécnico heterogêneo no qual os *nós* (atores, actantes) das redes presenciais e virtuais se interconectam ubiquamente por inéditas estruturas de organização, informação e cooperação para construir saberes compartilhados e que se transmudam continuamente conforme o seu repasse. Portanto, se a inteligência é coletiva, os coletivos culturais também

podem ser encarados, dadas as devidas proporções, como redes que potencializam inteligências (saberes) e agências (poderes).

Já o conceito de *capital simbólico* de Bourdieu (2011) é outra noção central ostensivamente reproduzida no jargão que o FdE vem repertoriando (e sendo acusado de 'prolixo' por seus detratores), conforme sugerem as falas dos jovens que abordo em campo¹⁵. Representa não somente a acumulação de bens materiais e riquezas econômicas, porém diz respeito a todo recurso ou poder que incide numa dada sociabilidade que se traduz em signos de distinção (distingos), estratégias de associação e tomadas de posição.

Desta feita, além da materialidade do capital econômico envolvido na dinâmica das práticas do coletivo (com os cachês e/ou a falta dele), encontramos também uma boa possibilidade de reflexão sobre a presença de capitais simbólicos - um capital cultural (saberes reconhecidos por diplomas e títulos) e de um capital social (vetor de relações sociais que podem se comutar em artifícios de dominação) em seus discursos. Para estes atores, o capital simbólico pode ser mensurado pelo nível de prestígio que permite identificar seu *status* e as tomadas de posição no espaço social, que neste caso é distribuído de maneira complementar nos âmbitos presencial - interações face a face - e telepresencial - navegação por *sites* da internet (RECUERO, 2011).

Em um ambiente colaborativo que sugere autonomia, mas também uma ampla interdependência (ELIAS; SCOTSON, 2000) na sua ávida "busca por independência", o Fora do Eixo adota uma moeda complementar, o já mencionado *CuboCard*, com a qual tenta confrontar a lógica de mercado capitalista nos moldes da economia solidária¹⁶, remunerando "simbolicamente" seus membros e artistas parceiros. Ela dá acesso à alimentação, às bebidas e aos serviços como divulgação de eventos e obras, ensaios de bandas, *design*, filmagens e gravações fonográficas. Essa situação tem gerado algumas querelas entre os interlocutores, pois, conforme observado nas mídias (TVs,

¹⁵Todos os membros do FdE, com os quais travei contato, mencionam o termo "capital cultural", conforme podemos observar também em seus discursos ao vivo e na internet.

¹⁶ Forma paralela de produção, consumo e distribuição de recursos centrada na valorização do potencial humano e não do capital econômico. De lógica cooperativista, empreendimentos de economia solidária funcionam em regime de autogestão; visam a colocar em benefício próprio dos atores/trabalhadores as suas capacidades profissionais, em lugar de aliená-los como instrumento de seu próprio jugo. C.f.: GAIGER, 2004.

sites, cartazes etc.), o FdE tem o apoio de verbas públicas (via editais de fomento à cultura), privadas (patrocínios de médias e grandes empresas) e propõe a remuneração de boa parte de seus membros e parceiros com esta moeda que não tem funcionalidade ou valor econômico fora das dependências de suas sedes e festivais.

Em contraste, nos festivais que ocorrem às vezes simultaneamente em Fortaleza e em várias cidades (como o anual *Grito Rock*), os músicos mais conhecidos no âmbito nacional, como o ascendente *rapper* Criolo, recebem o cachê em (muitos) Reais. Com efeito, há de se incluir nas problematizações da pesquisa os níveis desta teia recíproca de trocas simbólicas e materiais no objeto de pesquisa, que se relativizam em discursos e práticas.

Portanto, cabe aqui rememorar as lições do clássico *Ensaio Sobre a Dívida* de Marcel Mauss (1979), pois o compromisso no ato de retribuir uma dívida erige toda uma cadeia de solidariedade (dar, receber, retribuir) que organiza os coletivos internamente e delimita também um “fora” desta rede de recompensações que engendra o campo do *rock* independente de Fortaleza-CE, palco de uma juventude encarada como multiplicidade em movimento nômade.

Já que foi evocada em profusão, a noção de rede deve agora entrar em cena na nossa trama sociológica para mais diálogos teórico-conceituais.

A juventude contemporânea entre redes, rizomas e eixos

Aspecto basilar da lógica operacional do Circuito Fora do Eixo (e talvez da sociedade atual), o conceito de rede é pinçado diretamente da teoria do espanhol Manuel Castells (2013), que nele vê uma possível morfologia, horizontalizada¹⁷, das relações socioculturais desta contemporaneidade pautada por novas tecnologias de telecomunicação e que pode ser definida pelo “estar em rede”, pelas conexões locais e globais entre os atores.

¹⁷Castells (2013) propõe um modelo de rede de caráter horizontal, ou seja, um espaço interativo e de trocas (simbólicas *a priori* e materiais *a posteriori*) mais igualitário, democrático, espontâneo, mútuo em que todos os atores envolvidos se aproximam e se mobilizam a partir de suas capacidades e talentos.

Esta noção de rede societária não é nova, conforme pondera Castells. Contudo, em face de tantas crises e transformações do corpo social, a onipresente e onisciente rede adquire significados e impactos ainda pouco mensurados e que demandam curiosidade e cautela para condicionar o olhar em *zoom*, o ouvir em *hi-fi* e a imaginação sociológica.

A rede aproxima, mas também captura; a categoria é utilizada para analisar padrões de interligação de uma estrutura social dinâmica, fugaz. Seu potencial criativo reside na resistência de contrapoderes e na descentralização dos poderes pela gestão autonomizada e livres trocas. A horizontalidade é a marca de seus intercâmbios, que são estimulados pela versatilidade das interações em seus espaços-fluxos de recompensação, que são considerados inexoravelmente, em tempo real. Para Castells,

Construindo uma comunidade livre num espaço simbólico, os movimentos sociais criam um espaço público, um espaço de deliberação que, em última instância, se torna um espaço político [...]. A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. (CASTELLS, op. cit.: p. 16).

Por mais que este modelo de rede formulado por Manuel Castells seja largamente aceito na sociologia contemporânea, eu creio que este seja um estágio, um bom passo para vislumbrarmos, mesmo que ainda de soslaio, a noção mais abrangente de “transversalidade”, na qual a horizontalidade é apenas mais uma de suas múltiplas linhas, não a central. O transversal é acentrado e transborda simultaneamente nos planos virtual e atual, que de modo compósito erigem a realidade objetivada entre os atores (DELEUZE; GUATTARI, 1995). A rede é sempre um caminho não linear para outras redes.

Já que evocamos novamente a concepção rizomática de redes de redes, o Circuito Fora do Eixo também se vale dela em seu ecletismo conceitual aplicado. Cito a definição de seus criadores, que a engendraram de forma multilinear, remetendo também à topologia da própria internet – território sem começo ou fim aparentes, puro meio (e mídia), um *intermezzo*:

O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. (...) Contra os sistemas centrados (e

mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema acentra não hierárquico. (...) Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs (...): uma região contínua de intensidades (DELEUZE; GUATTARI, op. cit.: ps. 32, 33).

Agora explicitados os nossos principais conceitos e categorias desta etapa preliminar da pesquisa, sublinho a minha adesão à teoria ator-rede, que parte da rizomática deleuzo-guattariana, uma simetria - ou total imanência pela correspondência - entre instâncias e atores sociais. Adoto a definição de rede proposta por Bruno Latour (2012): um agenciamento (de pessoas, máquinas e artefatos) intermediário entre local e global que sugere ação, conexão e expansividade.

Tendo como embasamento este diálogo teórico heterodoxo, para se efetuar uma análise da atuação do Circuito Fora do Eixo em Fortaleza, é necessário simultaneamente perscrutar seus espaços (físicos, virtuais, híbridos) e práticas¹⁸, de modo que possa observar ao máximo seus respectivos atores e eventos, bem como detectar e delimitar suas redes e seus relativos níveis de pertencimento (alianças e concorrências), para refletir sobre seus laços sociais, que se agenciam uns a partir dos outros em termos de conexões e interações recíprocas.

Panorama metodológico: ferramentas etnográficas

Conforme atesta Max Weber (2011, p. 36), toda pesquisa sempre cobra a legitimidade de suas regras operacionais no quesito metodológico, que constituem os fundamentos de nossa orientação nas ciências sociais. Partindo desta premissa, para viabilizar os objetivos teórico-empíricos desta investigação, utilizo uma abordagem qualitativa em sociologia da juventude, contudo sem esquecer as contribuições antropológicas e filosóficas para o método escolhido: a etnografia.

Para o desenho da pesquisa, tenho me inspirando em procedimentos metodológicos referentes à observação participante, sobretudo a que é

¹⁸O FdE e seus coletivos se arquitetam e atuam nesse híbrido *espaço em rede*. Um exemplo disto é que desde a eclosão das manifestações populares que tomaram as ruas brasileiras a partir de junho de 2013, a organização utiliza seu braço midiático, a *Mídia Ninja*, para registrá-las instantaneamente e expor de forma transparente na internet o que as TVs abertas não mostram (TORTURRA, 2013).

desenvolvida sob a perspectiva de Howard S. Becker (1997), que é voltada às questões da urbanidade, dos desvios (de outros eixos) e também da arte, especialmente a música. Tal abordagem propicia um montante elevado de olhares, escutas e descrições minuciosas, condizentes com as demandas do objeto e do campo, que se configuram como uma rede capilarizada de interações sociais e ações coletivas em que encontro meus interlocutores em variadas situações cotidianas que envolvem práticas culturais, como ensaios, *shows*, festivais, debates, oficinas e no próprio convívio entre coletivos locais do e no Circuito Fora do Eixo.

A visão cooperativa acerca do FdE como ampla cadeia produtora de cultura “independente” pode ser traduzida, salvo todas as particularidades, a partir de Becker (1977, p. 209) sobre a arte (ou os ‘mundos da arte’) como fruto recheado de simbolismos que caracterizam a interação social: uma malha de ações coletivas na qual um “artista trabalha no centro de uma ampla rede de pessoas em cooperação, cujo trabalho é essencial para o resultado final. Onde quer que ele dependa de outros, existe um elo cooperativo”.

A observação participante proporciona ao sociólogo desbravar minuciosamente o campo por inquirição presencial direta a partir do registro analítico de práticas nativas e esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos dos atores. Ao submeter-se ao “fogo da ação *in situ*” (WACQUANT, 2002, p. 12), troca-se o “estar lá” pelo “estar aqui”, intensificando a coleta de dados brutos e amplificando o crivo seletivo de bibliografia – que sempre deve responder às inquietações teórico-metodológicas do pesquisador.

Esta técnica requer ir discreta e atentamente para “onde a ação está”, a fim de captar os detalhes das situações interativas de fachada e bastidores que surgem de representações sociais (GOFFMAN, 2011) nunca perceptíveis *a priori*, pois se desdobram tanto nos mínimos detalhes das situações de interação quanto em seus bastidores, só acessíveis a “iniciados” nos rituais interativos (ou linhas de ação que envolvem expectativas em torno de papéis sociais) em questão.

C. Wright Mills (1982, p. 212) ensina que o pesquisador, para desenvolver a sua tenacidade, deve “aprender a usar a experiência de sua vida no seu

trabalho continuamente” para estimular a “imaginação sociológica”, que é qualidade essencial para analisar as conexões dos indivíduos com os problemas sociais de seus próprios tempos e espaços, assim estabelecendo correspondências mais amplas entre indivíduos, culturas e sociedades.

Em consonância com Mills e sendo um modelo crucial para esta investigação, figura novamente Howard Becker (2008) e seu estudo dos padrões de comportamento desviante (performatividades do *self* que não seguem as regras ‘caretas’ da parcela *mainstream* da sociedade, que sai de eixos normativos estabelecidos) de músicos de *jazz* e consumidores de maconha – os (mal) ditos *outsiders*, também contemplados etnograficamente por Norbert Elias¹⁹, mas sob outro prisma analítico, centrado nos processos figuracionais das relações de poder comunitárias.

Becker, o sociólogo *cool* da Escola de Chicago, que também é pianista (costuma até hoje a dar canjas²⁰ nos congressos da ASA -*American Sociological Association*) e fotógrafo, trabalhou como músico profissional antes e durante o período em que realizou sua notória incursão etnográfica. Suas principais entrevistas foram realizadas com interlocutores que já havia conhecido na cena musical de Chicago. Praticou a “observação participante, interagindo com músicos na variedade de situações que compõem suas vidas de trabalho e lazer” (BECKER, op. cit.: p. 93).

À semelhança de Howard Becker, eu também me divido entre as vocações de sociólogo e músico – e foi tocando em turnês que tomei conhecimento da atuação do Circuito Fora do Eixo. Entre 2005 e 2012, atuei como guitarrista na banda de *rock* gótico Plastique Noir, isso coincidiu com a feitura de minha dissertação (BENEVIDES, 2008). Utilizei à época uma abordagem *insider*, de mais proximidade que distanciamento, pois faço parte, igualmente, da cena *rock* de Fortaleza como artista; atualmente lidero a Black

¹⁹Em *Os Estabelecidos e os Outsiders*, única obra propriamente etnográfica de Norbert Elias (2000), escrita em parceria com John L. Scotson, analisam-se as relações de poder a partir das tensões de uma pequena comunidade de nome fictício (Winston Parva), polarizada entre nativos (estabelecidos, dentro do eixo) e forasteiros (*outsiders*, fora do eixo). O capítulo oitavo, que aborda o comportamento de jovens locais, ensina que também não podemos deixar de lado o *gossip* – boatos e fofocas entre os grupos de uma dada formação social. Não poderia ser diferente com o Fora do Eixo, alvo de grandes boatarias, “causos” e polêmicas.

²⁰Vê-se e ouve-se Howard Becker tocando seu piano com o Sociology’s All-Star Quartet numa convenção nacional da ASA, em 07/08/2009: <https://www.youtube.com/watch?v=aMAjVtpz88o>

Knighr Freqüencye aproveitou esta situação para uma reentrada neste campo, usando a banda também como ferramenta de pesquisa.

Em 2009, após a conclusão do mestrado, embarquei numa turnê chancelada²¹ pelo Circuito Fora do Eixo, com destino a um festival de grande porte (com patrocínios públicos e privados), que era um de seus maiores eventos em âmbito nacional: o Festival Calango, em Cuiabá-MT, cidade natal do FdE e de suas lideranças, como Pablo Capilé (o ‘mentor’ da organização), Marielle Ramires (hoje residente em Brasília) e Carol Tokuyo (coordenadora da UniFdE). Eu já tinha muito ouvido falar (bem e mal) do Circuito por interlocutores e via internet, porém era a primeira vez que eu tinha contato *in loco*, face a face com suas práticas – o que foi o primeiro e tímido passo para a presente pesquisa de doutoramento, que aqui se reterritorializa em artigo.

Certamente ainda me valho do trânsito e da confiança que já gozo entre os jovens interlocutores com os quais já estabeleci contato; porém agora invisto numa aplicação mais convencional da observação participante quanto ao meu objeto, demarcando mais sistematicamente as relações entre pesquisador e pesquisados – ou seja, a título de esclarecimento: sou músico (hoje mais como forma de entretenimento pessoal) da cena fortalezense, mas não sou membro do Circuito Fora do Eixo. Como me alinho num diálogo entre o interacionismo simbólico e a teoria ator-rede, nada mais justificável do que distribuir pragmaticamente todos os papéis sociais dos envolvidos num drama complexo, cujo roteiro está sendo escrito no dia a dia.

Um recurso metodológico que preservo da minha dissertação de mestrado é manter os nomes reais dos interlocutores entrevistados sob permissão escrita (conforme informado na nota nº 13); vários deles fazem questão de fornecê-los antes mesmo da pergunta sobre a sua veiculação na pesquisa, alegando que “artistas buscam o reconhecimento, não o desconhecimento”. Destarte, amparo-me nos contatos travados com um

²¹Incidindo nas discussões sobre remuneração (ou não) do FdE, este disponibilizou as passagens aéreas, hospedagem (num hotel de quatro estrelas de Cuiabá), alimentação e bebidas para minha banda, porém ficou acordado desde o início que não receberíamos cachê – o festival já seria uma grande vitrine que traria grandes oportunidades (contatos com jornalistas, produtores e outros músicos, olheiros de gravadoras etc.) para uma banda que estava despontando (e que só recebeu tal tratamento por isto; várias bandas menos conhecidas bancaram suas passagens), segundo um dos organizadores da turnê.

elenco inicial de 15 interlocutores (5 deles são informantes-chave), feito a partir de dois âmbitos que se complementam: sociabilidades face a face e virtuais.

Outra questão se coloca quando a operacionalização da pesquisa impõe um desafio metodológico: como acompanhar estes jovens atores sociais interagindo na encruzilhada informacional? Buscando preencher esta lacuna, amparo-me nos contatos supramencionados, estabelecidos e mantidos pelas redes sociais presenciais e digitais supramencionadas (sobretudo o *Facebook*).

O advento da internet traz consigo o duplo desafio de compreender, simultaneamente, realidades oculares e digitais que se intercambiam – uma situação inédita há até poucos anos atrás. O fato é que a internet se integrou à sociedade e tornou-se um indispensável meio de comunicação e pesquisa – nela, sobre ela, por ela. Se um novo objeto exige novos métodos, opto por um

Modelo artesanal de ciência, no qual se produz as teorias e métodos necessários para o trabalho. (...) Qualquer sociólogo é tão livre e competente para inventar novas ideias e teorias quanto foram Marx, Weber e Durkheim. (...) Toda pesquisa tem o propósito de resolver um problema específico. (...) Assim, o sociólogo ativo não somente pode como deve improvisar as soluções que funcionam onde ele está e resolve os problemas que ele quer resolver (BECKER, 1997, p. 12-13).

Sendo assim, Raquel Recuero (2011) é outra referência que fornece subsídios instigantes para endossar os dispositivos metodológicos cá empregados. Salienta a autora que a abordagem etnográfica muda de nomenclatura (etnografia digital, netnografia, ciberantropologia etc.), porém continua a figurar como um dos mais versáteis e abrangentes procedimentos para descrever pormenorizadamente um contexto cultural específico e seus indivíduos, instituições, crenças, comportamentos interpessoais, produções simbólicas e relações de poder, que sempre permeiam seus atos velada e explicitamente.

Recuero (op. cit.) também recomenda que, de forma complementar à observação direta, deve-se “fazer campo” conectado à internet: coletando notícias de *sites*, marcando e realizando entrevistas, travando conversas informais, fazendo novos contatos, acompanhando coberturas e eventos em tempo real. Tais possibilidades estão ao alcance de recursos simples como o

e-mail, um perfil de usuário no *Facebook* e o acompanhamento diário das informações fornecidas pelos *sites* oficiais de cada coletivo.

Por conseguinte, opto pela etnografia (presencial, comparecendo aos eventos, e virtual, acompanhando os *sites*) como método de coleta de dados primários, sempre com a cautela de preservar as identidades e expressões dos interlocutores. Como fonte secundária, atento para a produção bibliográfica (livros, artigos etc.) e midiática (escrita, falada, televisionada) relativa ao objeto. Utilizar como ferramentas básicas para registrar acuradamente as narrativas dos interlocutores: a técnica de entrevista (BECKER, 1997) nas modalidades semiestruturada e em profundidade, e o diário de campo, fiel companheiro nos rumos de qualquer pesquisa etnográfica.

Uma conclusão inconclusa: considerações e porvires de uma jovem pesquisa e de um jovem objeto

Uma pesquisa, em especial uma etnografia sociológica acerca de movimentos culturais de juventude, pode ser encarada, desenvolvida – e até mesmo rejuvenescida - em termos de devir: um constante vir-a-ser composto de uma lógica de sentidos e uma dinâmica de sensações que interagem, se conectam e vão construindo as suas trilhas de modo imanente. Assim tenho pavimentado este caminho até aqui e assim pretendo continuar nele, (re) criando os arranjos para movimentos de rastrear, ver, ouvir, ler, escrever, flunar, navegar, documentar e tocar a música do *socius*.

O Circuito Fora do Eixo, conforme vimos neste *paper*, é um movimento social contemporâneo, jovem como seus integrantes, colaboradores e detratores; é também uma formação social inédita em seus termos no Brasil - o que acaba por restringir a bibliografia e incitar à intensificação da inquirição empírica. É também novidade no campo delimitado, Fortaleza-CE. Ou melhor, é um novo ator coletivo a adentrar a cena do *rock* “independente” local (que se agrega desde meados da década de 1980), trazendo consigo novas regras

para um mesmo jogo, que diz respeito à produção cultural, à música autoral e à intervenção política. Na verdade, a música é um gatilho da política neste caso.

Há também ineditismo - e motivação ainda maior - pelo fato de que não houve, infelizmente, pesquisa semelhante no Ceará, estado brasileiro que tem grande valor estratégico, repercussão do FdE e de coletivos parceiros (ou bastante inspirados em suas propostas e práticas) em várias cidades além da capital, como Crato, Juazeiro, Sobral etc. Sendo assim, ainda é deveras prematura a tentativa de um estado da arte acerca deste novo eixo que aparenta não ser tão fora do antigo eixo.

Para descortinar um objeto de estudos ainda jovem, invisto num diálogo entre diferentes linhas sociológicas joviais para destacar as singularidades do campo empírico e também para vislumbrar novos rumos conceituais por via de um nomadismo que nada tem de aleatório – só fazemos paradas táticas, o resto é deslocamento. Contudo, buscando menos dialética do que dialógica entre a constelação de todos os autores aqui elencados e as correntes teóricas que foram sintetizadas, pode-se afirmar que todos estes encaram a cultura contemporânea, suas práticas e emergentes sociabilidades como o nosso grande desafio enquanto sociólogos e sociólogas.

Neste tocante, eu estou à busca de perspectivas lógicas, práticas, para problemáticas novas, não para velhos impasses do *homo academicus*. De impasse em impasse, a História arranca em sua *démarche* e ficamos para trás, à deriva com nossas próprias quimeras travestidas como objetos de pesquisa, envelhecidas pelo éter social. Vivenciamos e investigamos a contemporaneidade, tão-somente, desde o advento institucional da sociologia, no já longínquo século XIX. No fim e no início lidamos com ciência social, um saber perito, fundamentado por paradigmas que são elaborados não para durar *ad infinitum*, mas para acompanhar as vicissitudes mais elementares e complexas da sociedade contemporânea – e ruir naturalmente, sendo substituídos por outros mais vívidos. Toda teoria pode e deve ser posta em xeque – assim verificamos a sua robustez, sua juventude e sua longevidade; mas como a sociedade não para de se transmutar, como compreendê-la se o ciclo não vira? Eis o devir e o dever da sociologia: adaptar-se a novos tempos e espaços – e analisar a juventude é um bom ponto de partida para tal.

Referências bibliográficas

BECKER, Howard S. “A arte como ação coletiva”. In: _____. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. P. 205-225.

_____. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENEVIDES, Márcio Fonseca. **Dos subterrâneos aos holofotes: os nomadismos do rockfortalezense**. Dissertação (Mestrado em Sociologia): Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 112-121.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. “Ser diferente é desconectar-se? Sobre as culturas juvenis”. In: _____. **Diferentes, desiguais, desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005. P. 209-224.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Introdução: rizoma”. In: _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. P. 11-37.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GAIGER, Luiz Inácio. "As emancipações no presente e no futuro". In: GAIGER, Luiz Inácio (org.). **Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. P. 371-402.

GARLAND, Shannon. "The space, the gear, and two big cans of beer: Fora do Eixo and the debate over circulation, remuneration, and aesthetics in the Brazilian alternative market". In: **Journal of Popular Music Studies**, vol. 24, edição 4. Nova York: Columbia University Press, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2011.

_____. **Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede**. São Paulo: EDUSC, 2012.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2011.

LIMA FILHO, Irapuan P. **Em tudo o que faço, eu procuro ser muito *rock and roll*: rock, estilo de vida e rebeldia**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociología y antropología**. Madrid: Editorial Tecnos, 1979.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais em sociedades complexas**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2001.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: INCM, 2003.

_____. "Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais". In: PAIS, Machado José; BLASS, Leila Maria (orgs.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. Lisboa: ICS, 2004. P. 23-55.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SAVAZONI, Rodrigo. **Novos bárbaros: a aventura política do Fora do Eixo**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

TORTURRA, Bruno. "Olho da rua". In: **Revista Piauí**, no. 87. São Paulo: Ed. Piauí, dezembro 2013. P. 22-31.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2011.